

msg

revista de comunicação e cultura

nº 8 • ano 2 • R\$ 10,90



LAZULI
editora



Roberto DaMatta
mergulha no Brasil

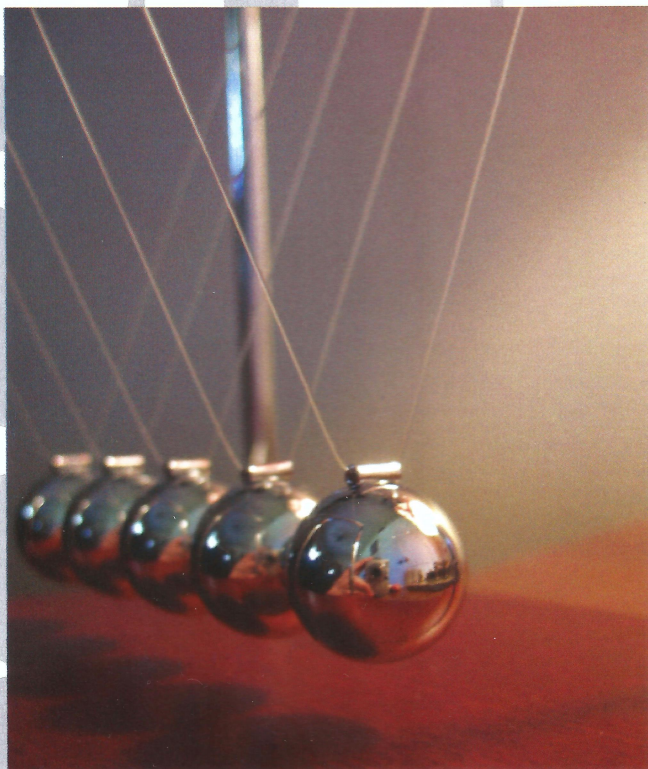
Fotojornalismo
Luis Humberto

Entrevista
Otávio Frias Filho

E mais
Paulo Nassar
Ricardo Ohtake
Lauro Cesar Muniz
Paulo Sergio Pinheiro
Rodolfo Witzig Guttilla

MEDIAÇÃO

A crise dos
intermediários



scs.hu

CRISE DA MEDIAÇÃO

Por

Lauro César Muniz

Ricardo Ohtake

Luli Radfahrer

Rodolfo Witzig Guttilla

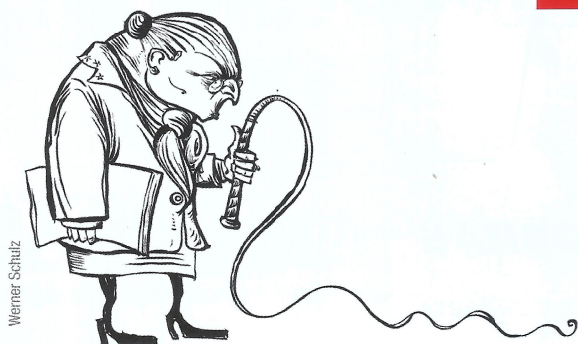
Otavio Frias Filho

Roberto Romano

João Batista de Andrade

Paulo Sérgio Pinheiro

22



Werner Schatz



Nelson Kon

Olhar

Angelo Bucci

68

Diretório cultural

08

Primeira impressão

Paulo Nassar

20

Fotojornalismo

Luis Humberto

44



Fotos: Ismar Almeida/Divulgação

ESPECIAL

Roberto DaMatta

48

Identidade visual

IBM

60

RH – Mulher na chefia

Roberto de Castro Neves

Jacob Pinheiro Goldberg

62

Papel da mídia

Eliane Costa

74

O LIVRO ESTÁ MORTO,

mas juro que não fui eu

*anotações de um amador – aqui
compreendido em seu sentido literal,
ou, no caso, literário*

Por Rodolfo Witzig Guttilla

Velocidade e obsolescência são as manifestações mais evidentes do século XXI. No campo da comunicação, os novíssimos apetrechos irão acelerar vertiginosamente a produção da informação e do conhecimento. Por outro lado, essas mesmas “extensões do homem” (na expressão de Marshall McLuhan) serão muito rapidamente substituídas por outras, ainda mais velozes e sofisticadas.

Nesse ambiente de mudanças arrebatadoras, chama a atenção que meios de comunicação consagrados, como os impressos (livros, jornais e revistas, entre os principais), o rádio, a televisão e os meios eletrônicos e telemáticos (como a telefonia), não só mantenham sua utilidade e prestígio como também, contrariando o senso comum e a opinião de alguns especialistas, conquistem novos e entusiasmados seguidores.

“Uma mídia não toma o lugar da outra, ao menos no curto prazo”, observa o historiador Robert Darnton. E segue: “A publicação de manuscritos floresceu por muito tempo depois da invenção da tipografia por Gutenberg; os jornais não acabaram com o livro impresso; a televisão não destruiu o rádio; a Internet não fez os telespectadores abandonarem suas tevês. Assim sendo, seria possível [deduzir] que mudanças tecnológicas ofereçam uma mensagem reconfortante de continuidade, apesar da proliferação de novas invenções”.

No caso do livro, tendo em vista os quase 7 bilhões de habitantes planetários, o número de exemplares colocados em circulação na última década e o de leitores ainda são pífios. Por outro lado, em um cenário bastante plausível, podemos especular que a incorporação de novos leitores em países emergentes, como Brasil, Índia e China (para citar os mais promissores), aumentará exponencialmente, no horizonte de duas gerações, a demanda por esse artefato (recente pesquisa conduzida pela Câmara Brasileira do Livro revela que o brasileiro está lendo mais: em 2010, as vendas cresceram 13%, em comparação com o ano anterior).

Essa perspectiva (segundo muitos, otimista) está longe de ser consensual: o estudo *Em queda livre? A economia do livro no Brasil (1995-2006)*, de Fábio Sá Earp e George Kornis, aponta outra direção. Segundo os autores, a “economia do livro” em nosso país vive uma profunda crise. Cruzando dados de produção, vendas ao mercado e ao governo, preço médio e faturamento das editoras, e amparados por uma bem conduzida análise da cadeia do mercado livreiro, os autores traçam um panorama pouco promissor para o livro no Brasil. Ainda que os números desse estudo sejam desanimadores, creio que, no tempo, os mercados brasileiro e global crescerão – seja por meio da inclusão de novos cidadãos no sistema educacional, seja pela ampliação da escala de produção, aplainando as barreiras de acesso.

A despeito dos maus augúrios, portanto, acredito que o livro sobreviverá. Afinal de contas, desde o surgimento da linguagem, nenhum dispositivo humano o superou. Como afirma o escritor e bibliófilo Umberto Eco, ainda hoje esse suporte é o meio mais eficiente de transportar a informação e o conhecimento: “Até o computador, com todos os seus gigabytes, tem de ser conectado. Não há esse problema com o livro. O livro é como a roda. Uma vez que você o inventou, não pode ir mais longe”.

A história (“pastora dos alfarrabios”, como a define o poeta José Paulo Paes, a quem devemos a sugestão do título que inaugura este pequeno artigo) registra que a tipografia surgiu, no Ocidente, nos anos 1450 da Era Cristã, por obra de Johannes Gutenberg, quando, em uma longa jornada de trabalho, imprimiu, em condições bastante debéis e com poucos apren-

dizes, a Bíblia de 42 linhas. Nem todos sabem, contudo, que o livro como o conhecemos hoje, sucessor do papiro e do códice (ou seja, os livros produzidos antes dos anos 1500, com páginas que são viradas, em oposição a rolos que são desenrolados), é obra do veneziano Aldo Manuzio, que, em 1492, desenhou sua “paisagem física”, no dizer poético de Alberto Manguel.

Segundo Enric Satué, graças à contribuição de Manuzio a morfologia do livro moderno obedece, há muitos séculos, a seguinte forma: abrindo a capa (rígida, dura ou cartonada; ou, ainda, flexível, rústica ou mole), o leitor encontra páginas brancas, múltiplas de quatro, de guarda ou cortesia – como um luxuoso vestíbulo de entrada que precede o salão principal. Em seguida, vem o anterosto, ou seja, a primeira folha ímpar impressa, com o nome da obra em corpo pequeno. Em suas costas, o editor pode estampar o retrato do autor, da personagem biografada ou ainda um ícone que ilustre o tema do livro. A página ímpar seguinte, conhecida como *rosto* (ou, ainda, *frontispício*), oferece o título completo e o subtítulo, o nome e o sobrenome do autor e a identificação da editora, da cidade e do ano em que a obra foi impressa. No seu verso, seguem os créditos, com o *copyright*, o depósito legal e a ficha catalográfica, entre outras informações exigidas contemporaneamente. A folha ímpar seguinte pode conter a dedicatória, e a subsequente, o sumário, o prólogo ou ainda as primeiras linhas da obra.

A divisão do livro em títulos, subtítulos ou capítulos deve iniciar-se sempre em páginas ímpares. O final do livro, por sua vez, é reservado para os apêndices, as notas, a bibliografia e os índices remissivos de nomes e temas (ou *paratextos*). Por fim, antes das últimas folhas de guarda, que encerram o volume e suavizam a saída do leitor, encontramos o *colofão*, ou seja, a marca da editora ou do autor. A rematar o constructo, as sobrecapas e a lombada, com o nome do autor, o título da obra e o ano de edição.

Como se vê, parte importante da arquitetura gráfica do livro foi concebida por Manuzio. Mas sua contribuição foi além: ainda de acordo com Satué, “a letra cursiva, o formato de bolso, o livro ilustrado, o livro de texto, o impulso definitivo aos tipos de fundição do estilo românico, a página dupla considerada unidade formal, a capa de couro sobre

“Podemos especular que a incorporação de novos leitores em países emergentes, como Brasil, Índia e China, aumentará exponencialmente, no horizonte de duas gerações, a demanda por esse artefato”

papelão, a lombada quadrada, a gravação de ouro lamina-do aquecido, as coleções temáticas, os catálogos, os conselhos editoriais e inúmeras outras coisas são obra dele”.

Para passear nessa nova “paisagem física” (descortina-da por Manuzio no emblemático ano de 1492, quando Colombo iniciava seu não menos fabuloso *descobrimento*), o ser humano precisou adquirir um complexo sistema de reflexos (como o ato de girar a página, em vez de desenrolar o papiro), que se encontram em camadas muito profundas de sua memória cinética e que, ainda hoje, organizam e guiam seu sistema cognitivo e sensorial, condicionando sua memória visual e, por extensão, os movimentos dos olhos (guardadas as proporções, uma evolução comparável ao desenvolvimento do polegar opositor na mão dos primatas – hoje indispensável para enviar mensagens pelo *blackberry*...).

O ato de girar, como intuitivamente sabemos, é também muito diferente do clicar (e quem ainda hoje usa o relógio de pulso, outro fantástico engenho humano, sabe do que estou falando): o comando surge de outra zona do cérebro. Gerações mais velhas, diz Darnton, aprenderam a sintonizar canais girando botões; as mais jovens, apertando um botão. Assim, “se você foi treinado a guiar uma caneta com seu indicador, observe a maneira como os jovens usam o polegar em seus celulares e perceberá como a tecnologia penetra o corpo e a alma de uma nova geração”, conclui o autor.

Experiência amplamente sensorial, que envolve mais de um sentido humano, o ato de virar a página do livro (da revista e do jornal também) inclui, invariavelmente, o gesto de molhar a ponta do dedo indicador na língua, tornando olfativa e gustativa uma experiência de natureza essencialmente motora: o aroma e o gosto do papel couchê (que sabem a plástico) são muito diferentes dos do papel pólen (que possui notas amadeiradas ou, em alguns casos, verdes); o cheiro e o sabor de um livro novo (que possui notas de entrada frescas e vivazes) são muito diferentes dos do livro velho (que, a depender de onde foi acondicionado, pode cheirar e ter gosto de alcatrão, roupa molhada ou bolor). Que o diga Jorge de Burgos, o inesquecível bibliotecário cego de *O nome da Rosa*, de Eco...

Em uma perspectiva antropológica, o livro é também objeto de valor simbólico que confere prestígio aos seus detentores. Não é de estranhar, portanto, que em muitas casas o livro (lido ou não) ocupe lugar de destaque no cenário doméstico, como a sala de visitas. Nesse mesmo sentido, o ato de comprá-lo constitui fator diferenciador, posicionando quem o adquire em um patamar social superior à média – especialmente em países em que a educação formal ainda é baixa. Em diferentes culturas,



o livro tem papel central em rituais religiosos, políticos e sociais – como, por exemplo, os livros sagrados nas sociedades que professam as religiões monoteístas, as constituições nos países de regime democrático, os livros vermelhos e verdes em regimes de exceção, as genealogias, as primeiras edições, os livros de “iniciação” e os *best-sellers* em todo o mundo letrado. Nesse contexto, como observa Darnton, “seu uso em juramentos, troca de presentes, concessão de prêmios e doação de heranças forneceria indícios de seu significado para diferentes sociedades”.

Objeto de transmissão de identidade, valores e memória afetiva de uma nação, agrupamento social (como a família) ou indivíduo, um livro não é igual a outro: a cópia original da *Declaração da Independência dos Estados Unidos*, que se encontra no Independence Hall, na Filadélfia, não tem, obviamente, o mesmo valor que sua *vulgata*, presente nas repartições públicas ou na casa de milhões de cidadãos norte-americanos. Da mesma forma, a minha quarta edição de *Carnavais, malandros e heróis*, obra seminal do antropólogo Roberto DaMatta (um dos maiores intelectuais em atividade em nosso desmemoriado país, celebrado e reconhecido por seus pares em todo o mundo acadêmico e por seus inúmeros leitores), graças à pátina do tempo, às anotações a lápis rabiscadas nas bordas (inspiradas pelas seguidas leituras que fiz do livro) e, por fim, ao afetuoso tratamento filial da dedicatória na página de rosto (testemunha da amizade que nos une), é diferente de todas as outras quartas edições dessa mesma obra.

Por fim, para reforçar minha crença no futuro do livro e em sua importância como manifestação a um só tempo mercadológica, cinética, sensorial, simbólica e afetiva, compartilho com meu paciente leitor uma experiência pessoal, na forma de uma “arqueologia” sentimental.

Como muitos descendentes de italianos, ganhei de meus pais um exemplar de *Cuore* (ou *Coração*), do autor italiano

Edmundo de Amicis (1846-1908). Marcado por forte timbre moralista, o livro tem como pano de fundo o “Risorgimento” (processo de unificação da Itália, ocorrido entre os anos de 1815 e 1871). Comprado por minha mãe na década de 1970, o título fazia parte das leituras obrigatórias do Colégio Dante Alighieri, onde cursei o primário e o ginásio, em São Paulo. Se comparado aos livros de aventura que disputavam a cabeça de minha cama (como *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain; *Kim*, de Rudyard Kipling; *Capitão Tormenta*, de Emilio Salgari; *O último dos moicanos*, de J. F. Cooper; ou, ainda, *O Conde de Montecristo*, de Alexandre Dumas), o *Cuore*, de Edmundo de Amicis, só não era mais enjoativo e maçante que *Heidi nos Alpes* (obra açucarada de Johanna Spyri que, nos anos de 1940, iniciou toda uma geração de meninas na leitura, minha mãe inclusive). A despeito disso, o livro marcou-me – obviamente, o sentimento de doce tristeza pela infância já longínqua, que nos torna de assalto na maturidade, ajudou a redimi-lo.

Na condição de espanador de pó, leitor interessado e organizador da biblioteca familiar, herdei outros dois volumes do *Cuore*, o mais antigo publicado em 1904, em São Paulo, pela Livraria Francisco Alves (passados apenas oito anos de seu lançamento no país de origem). A inscrição na capa revela que a editora possuía, à época, três lojas: uma na Rua do Ouvidor, 134, no Rio de Janeiro; outra na Rua São Bento, 45, em São Paulo; e a última na Rua da Bahia, em Belo Horizonte, sem número. No livrinho, respeitosamente preservado, há uma única sentença sublinhada a lápis (jamais saberei se por meu avô, por seus irmãos ou, em segunda ou terceira leitura, por meu pai): “Eu não pude articular palavra”. Trata-se da última frase da narrativa, em que o personagem principal, Henrique, despede-se comovido de sua escola e de seus companheiros de curso. Com base nesses poucos indícios, posso especular que meu bisavô, Francesco Guttilla, um marceneiro de modestas posses, o comprou para seu filho Constantino (meu avô, que, à época, contava 9 anos e iniciava-se na literatura).

Meu outro *Cuore*, publicado em 1905, em italiano, pela casa Fratelli Teves Editori, Milano (editora que lançou a primeira edição da obra), possui um registro ainda mais enigmático: na *guarda* do livro, logo abaixo de sua assinatura, meu avô registrou a data de 10/7/1917, corrigida depois (a caneta tinteiro, com tinta azul, em contraste com a anterior, na cor preta) para 10/7/1916. Adicionalmente, a *folha de rosto* traz a assinatura de um desconhecido. Minha hipótese é que, aos 21 anos, Constantino Guttilla, um dos muitos *oriundi* que protagonizaram a moderna “diáspora” italiana,

movido pelo banzo da pátria de origem de seus pais (que nunca visitou), adquiriu em um sebo paulistano o *Cuore* em italiano – obra que certamente marcou sua infância e seu amor pelo livro.

Como antevisto por McLuhan em seu *Understanding Media*, em um futuro próximo a imensa maioria da população mundial portará sua “extensão” comunicacional (na forma de telefones móveis, *tablets* ou *chips* multifuncionais implantados no corpo – ou todos eles ao mesmo tempo, bem como as demais traquitanas que vierem a ser inventadas), com acesso ilimitado a todo tipo de informação e conhecimento produzido pelo homem. Inclusive ao *Cuore*, de Edmundo de Amicis, que, diferentemente de meus três exemplares impressos, não conterá a mesma dimensão dramática.

Num dia qualquer desse porvir, em um remoto canto do orbe *terráqueo*, um garoto estará lendo às escondidas, tarde da noite, lanterna em punho, a respiração suspensa e o coração galopando, as aventuras de Emilio de Rocca-bruna, senhor de Ventimiglia, mais conhecido nos mares do grande Golfo do México como o Corsário Negro – personagem inesquecível de Emilio Salgari, um craque no gênero do romance de aventura. Seus pais estarão dormindo o sono dos inocentes.

O livro sobreviverá.

Rodolfo Witzig Guttilla é antropólogo, jornalista e poeta. Autor de *Um ano inteiro passa ligeiro* (Lazuli Editora, 2010), *A casa do santo & o santo de casa* (Landy Editora, 2006), *Uns & Outros Poemas – 1985-2005* (Landy Editora, 2005) e organizador da coletânea *Boa Companhia Haikai* (Companhia das Letras, 2009).

